

## A INSERÇÃO DA QUÍMICA NO ENSINO DE CRIANÇAS AUTISTAS

Nome do autor: Thalita Pereira Vieira

Nome(s) do(s) coautor(es): Polyana de Brito Januário; Luciana Suzi Barbosa de  
Oliveira; Natália Rodrigues Donato; Mayra de Resende Pires Neves;

Nome orientador (a): Profa. Dra. Geovana Camargo Vargas

Instituição Instituto Federal da Paraíba - IFPB

E-mail; [polyana.januario@ifpb.edu.br](mailto:polyana.januario@ifpb.edu.br); [thalita\\_t99@hotmail.com](mailto:thalita_t99@hotmail.com)  
[lucianasuzy@hotmail.com](mailto:lucianasuzy@hotmail.com); [natalia-rodrigues95@hotmail.com](mailto:natalia-rodrigues95@hotmail.com); [geovanacv@gmail.com](mailto:geovanacv@gmail.com);  
[mayresende@hotmail.com](mailto:mayresende@hotmail.com);

Há certo mistério nas causas do autismo, embora os estudos apresentem uma possibilidade de ser causado por uma interação gene-ambiente. Hoje, os especialistas consideram que a contribuição dos fatores genéticos esteja ao redor de 90%, sobrando para o ambiente apenas 10% da responsabilidade. Segundo Gadia et. al (2004), a expressão autismo foi usada pela primeira vez em 1911 por Bleuler para designar a perda de contato com a realidade o que acarretava uma grande dificuldade ou impossibilidade de comunicação. Entretanto, em 1943, Leo Kanner descreveu 11 casos de distúrbios autísticos do contato afetivo, em que havia uma incapacidade de se relacionar de formas usuais com as pessoas desde o início da vida. Mas, um marco na classificação desse transtorno aconteceu em 1978, quando Michael Rutter propôs uma definição do autismo com base em quatro critérios: atraso e desvio sociais não apenas como função de retardo mental; problemas de comunicação, também, não só com função de retardo mental associado; comportamentos incomuns, como os movimentos estereotipados e maneirismos; início antes dos 30 meses de idade.

Atualmente, assume-se que o autismo é o distúrbio de neuro-desenvolvimento em que a herança genética desempenha papel mais importante. Ainda assim, vale lembrar que não está ao alcance da biologia condicionar o destino final, porque o ambiente modifica a expressão dos genes, e deficiências do desenvolvimento podem ser contornadas ou corrigidas com o aprendizado. As crianças autistas podem apresentar vários distúrbios, seja ele na fala, na cognição, na interação com a sociedade ou até mesmo na aprendizagem. Apesar dos prejuízos ao desenvolvimento, não existe uma medicação específica para o tratamento de tal distúrbio, de modo que são utilizados paliativos medicamentosos para o tratamento daquilo que ela desenvolve, além de acompanhamento terapêutico, não impedindo que o indivíduo tenha um relacionamento normal com o meio, até mesmo que ele possa acompanhar um ensino regular. No entanto, ainda se vê um déficit muito grande na capacitação de profissionais na área da

educação especial, e não são todas as escolas que são habilitadas para desempenhar este papel. O PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) pode trazer esta capacitação de forma diferenciada, já que, naturalmente o ensino regular não traz esta formação, contribuindo assim para o desenvolvimento não apenas do aluno autista, mas também para todo corpo escolar, envolvendo-os numa dinâmica entre escola e sociedade. Sendo assim, o presente trabalho busca incentivar a integração do aluno autista com os demais alunos da rede de ensino regular; melhorar a capacidade de raciocínio do mesmo, como também despertar o interesse a partir de experiências que remetam ao cotidiano. Acredita-se que os experimentos podem aguçar suas curiosidades e despertar um excelente desenvolvimento na área das ciências. É possível apresentar aos alunos, também, a biografia de vários cientistas, dentre eles, Einstein e Newton, que tinham um tipo de autismo, a Síndrome de Asperger, o que não os impossibilitou de fazer excelentes descobertas, inovadoras para a evolução dos estudos de desenvolvimento do conhecimento científico. Tais crianças podem fazer história, e não distante disso, a química pode contribuir bastante não apenas para o desenvolvimento científico, mas também para o convívio social. Nesta direção, sugere-se que as atuações foquem em duas direções, uma de formação continuada e outra de planejamento pedagógico. Em relação à formação continuada, reitera-se a necessidade que os profissionais tenham acesso ao conhecimento produzido sobre o distúrbio, de modo que compreendam as características dos seus alunos, as peculiaridades e, em especial, quais tipos de intervenções permitiriam desenvolvimento qualitativamente superior. Tal mediação deve ser realizada, preferencialmente, pela equipe pedagógica que compõe a instituição. Já em relação ao planejamento, o docente deve incentivar o aluno autista com dinâmicas interativas, tais como: jogo de memória com o assunto abordado na aula, não apenas individualmente, mas com toda a turma posteriormente, visando o envolvimento do mesmo com o todo; experimentos práticos que envolvam acontecimentos do dia a dia, tornando a química mais prática e confortável, entre outros. As dinâmicas individuais e em grupo são de grande suporte para a educação das crianças, sem enchê-las de assunto que possam não fazer sentido. Sendo assim para superar essas dificuldades, cabe ao educador das crianças autistas planejarem situações de ensino estruturadas, dividindo em pequenos passos e metas o que elas devem aprender, evitando a mecanização e acentuando o que realmente é significativo para elas. O interesse pela química por parte das crianças cresce à medida que elas percebem a presença dessa ciência em todos os momentos do seu cotidiano. Em geral, elas ficam impressionadas quando associam a aplicabilidade do conteúdo. Os conceitos que, muitas vezes, parecem complexos podem ser tratados de forma descontraída. As práticas experimentais possibilitam uma abordagem mais simples para explicar fenômenos químicos.

Palavras-chave: Química, ensino, autistas.